

As Procissões do Sul

Manifestações de fé, mas igualmente da cultura popular, a Festa da Mãe Soberana, em Loulé, a Procissão das Tochas em São Brás de Alportel, ou ainda a Procissão do Triunfo, em Tavira, reúnem multidões.

Uma oportunidade para conhecer os costumes, apreciar a arte religiosa, e um pretexto para conhecer cidades e vilas algarvias que nos mostram um Algarve diverso, durante a Páscoa.



As celebrações da Mãe Soberana, a padroeira de Loulé, iniciam-se no domingo de Páscoa, com a Festa Pequena, ou seja, a descida do andor desde a ermida, onde o andor ficou durante o ano, até à Igreja de S. Francisco, no centro da cidade.

Durante de duas semanas, sucedem-se actos de fé, para tudo culminar na Festa Grande.

Esta é, sem sombra de dúvida, a maior manifestação religiosa do Sul do País.

Os oito «homens do andor» subirão, a correr pela íngreme calçada, de pedras irregulares e polidas, suportando em ombros o andor, à hora das vésperas do segundo domingo depois da Páscoa, um pouco antes de o sol desaparecer por trás da ermida secular, postada no alto da colina, a Noroeste da cidade.

. Soprando o ritmo acelerado do hino da Mãe Soberana, segue-se a banda, com os trombones, os bombos e os pratos da louletana Sociedade Artística de Minerva, que muitas vezes convida outras sociedades recreativas a participar, para dar mais brilho à festa.

Atrás deles, braços fazendo uma corrente, não vá falhar-lhes o pé ou o fôlego, gritando, suando, chorando, sobem os fiéis e também os que, embora sem acreditar, não resistem a participar no ritual colectivo que é a Festa Grande da Mãe Soberana.

Os muros brancos que cercam uma provável via romana, como gostam de acreditar os locais, estão bordejados pela multidão, agitando lenços brancos, esvoaçantes, que escondem, por momentos, o verde das amendoeiras que cobre a colina. Cheira a tomilho selvagem, o seu aroma suplanta o da cera das velas votivas e o do incenso, pois é a sua época de espigar.

Esta procissão, já celebrada há mais de 450 anos, tem as suas raízes nas profanas celebrações da Primavera, a época em que todas as comunidades rurais celebram o ciclo da vida.

Ao longo dos séculos, as celebrações religiosas implantaram-se, sem nunca conseguirem abafar completamente o sentido de festa campestre.

Os algarvios não são muito dados a expressões de fé, o que destaca ainda mais o culto mariano da padroeira de Loulé, Nossa Senhora da Piedade.

Habitualmente, os participantes na Festa da Mãe Soberana ascendem a mais de 100 mil pessoas, um número que vem sucessivamente aumentando desde 1553, ano em que o serralheiro Bartolomeu Fernandes fez as obras a expensas suas.



As procissões, que incluem o sobe e desce da colina e a forma peculiar como hoje são realizadas, em passo de corrida, não se sabe quando começaram.

Carregar o andor, é uma tradição pela qual as famílias louletanas se batem renhidamente, mas não é só o nome de família que conta para se obter essa honra, pois são escolhidos os mais fortes da sua geração. Atribui-se-lhes em tempos, capacidades sobre-

humanas, e se a lenda não sobreviveu, o prestígio mantém-se incólume.

Com os seus fatos brancos, as opas azuis celestes, equilibram a plataforma onde estão as imagens da Virgem que tem, em braços, Jesus Cristo agonizante.

Desconhece-se, contudo o seu autor, embora se admita ter sido esculpida no início do século XVIII, em madeira e ouro.

A presença da padroeira na cidade nem sempre foi pacífica. Inicialmente permanecia na igreja matriz entre a Festa Pequena e a Festa Grande, duas semanas depois.

Mas a construção da igreja de S. Francisco em 1890, na freguesia de S. Sebastião, a que pertence igualmente a ermida, abriu uma violenta alteração sobre a morada provisória da padroeira.

Esta foi resolvida por João Degredado que pela calada da noite subiu a colina e trouxe a imagem, “por seus braços e sem mais ninguém” depositando-a na nova igreja. Em nome da sua coragem pacificaram-se os ânimos. Em troca e antes de regressar à sua ermida, a imagem percorre toda a cidade.

Durante quinze dias, Loulé vive num clima de fé, sucedem-se as novenas, são feitas as promessas, oradores inflamados, alguns leigos, revezam-no no púlpito.

Na véspera da procissão, procede-se à bênção dos cavalos. E quando chega o dia da Festa Grande, Loulé amanhece em clima de festa. Descem os habitantes dos lugares mais recônditos da serra, nos seus fatos solenes e bênção das crianças da terra, junto ao jardim Duarte Pacheco é das cerimónias mais participadas

Em frente à Igreja de S. Francisco, e em jeito de despedida à cidade, faz-se a “abaladiça”. Os homens testam a sua resistência, “atirando” o andar ao ar e agarrando depois, em simultâneo, nas pegas. Nas centenas de anos de procissão, a história não registou até hoje a queda do andar.

O hino da Mãe Soberana tem um ritmo próprio, apelidado “marcha picada”, muito mais próximo de uma composição marcial do que de um hino religioso e foi composto em 1856 pelo funcionário das finanças Manuel Martins Campina.

No início da ladeira, a banda acelera o ritmo, e o clima de tensão é palpável.

E como se de um dique se tratasse, um rio de gente sobe a ladeira a uma velocidade estonteante. Por sobre as suas cabeças, aos saltos e oscilando como se de um barco se tratasse, vai o andar.

Os acordes da banda são temperados por gritos roucos, uns tronitantes outros agudos. São vivas alegres, entoadas por um mandador improvisado a que as circundantes respondem, repetindo incessantemente: Viva a Mãe Soberana!

As Tochas Floridas



Um canto profundo e ensurdecador, onde sobressai o refrão “Aleluia”, Ressuscitou como disse... Aleluia, Aleluia!” marca a Festa da Aleluia, em São Brás de Alportel. As ruas apinham-se de gente, as varandas estão engalanadas, as colchas estendidas ondulam ao vento. Deslumbrantes tapetes de flores, magnífico trabalho de mãos voluntariosas, descrevem o percurso da Procissão.

Para construir esta verdadeira obra de arte, são precisas cerca de 3

toneladas de flores, num trabalho que resulta de um centena de voluntários.

Depois de uma árdua semana de trabalho, na apanha e preparação das flores, é na véspera do Domingo de Páscoa, que todos os minutos são poucos, noite fora, até ao amanhecer, para que quando o sol chegar, possa fazer brilhar o magnífico tapete florido que descreve o percurso da Procissão.

É a tradição quem fala mais alto neste dia, e por ela erguem-se as tochas, que os membros masculinos da congregação empunham. No chão tapetes caprichosos de flores enchem o ar de cheiros inebriantes e sente-se a emoção de um dia pleno de sentir popular.

Esta procissão foi outrora popular em todo o Algarve. As confrarias eram então obrigadas a levar uma tocha acesa ou luminária e opas vestidas.

Posteriormente, a falta de cera levou ao aparecimento de paus pintados e ornamentados com flores, no cimo do qual se colocava uma pequena vela.

Mais tarde, com o desaparecimento das confrarias, permanecem na procissão os paus enfeitados, as lanternas e as velas acesas ao lado do pálio e as opas, que ainda hoje são trajadas pelos homens que transportam o pálio.

Ao longo da procissão, sempre se cantaram hinos, resposos e o Aleluia, em honra da Ressurreição do Senhor. Outrora havia um ou dois coros a cantar e o povo respondia, mas com o passar do tempo, a falta de clero e de cantores, levou a que o canto ficasse na boca do povo.

Durante a tarde, no Adro da Igreja Matriz, a organização proporciona aos visitantes uma tarde cultural, sendo a música portuguesa o ingrediente principal.

Este ano, podem também apreciar-se os sabores dos doces regionais e dos petiscos típicos, no espaço de mostra e venda da gastronomia e doçaria regional.

Os saborosos folares, doce típico desta quadra e as amêndoas tenras de São Brás, feitas artesanalmente, em tachos de cobre e ganham por isso um sabor inigualável.

A arte da talha dourada de Tavira



A Procissão do Triunfo é uma manifestação religiosa que se realiza desde o ano de 1789 pela Ordem Carmelita da cidade de Tavira.

Actualmente, a procissão é representada por nove andores, decorados com grande riqueza, contendo a bela talha dourada e a perfeição das imagens, descrevendo a vida de Cristo desde o Monte das Oliveiras até à sua morte.

O Domingo de Ramos, dia em que a procissão sai da Igreja do Carmo, é aquele em que o costume popular celebra, com os ramos de oliveira, simbolizando a ascensão de Jesus e a Paz. Quando abençoados, eles serão guardados durante o ano, como um factor de sorte.

O rico património monumental da cidade convida a uma visita que permitirá seguir os passos dos povos que por aqui passaram, desde que os romanos fundaram Balsa, um porto animado e imprescindível nas trocas comerciais com o Mediterrâneo.

FESTA DA MÃE SOBERANA

Data: 16 Abril (Festa Pequena) e 30 de Abril (Festa Grande)

Local: Loulé

FESTA DA ALELUIA E CONCURSO DAS TOCHAS FLORIDAS – S. Brás de Alportel

Data: 16 Abril | **Horário:** a partir das 9h30

Local: São Brás de Alportel

PROCISSÃO DO TRIUNFO NO DOMINGO DA RAMOS – Tavira

Data: 16 de Abril | **Horário:** 16h30

Local: Igreja do Carmo de Tavira